

MICROSCOPIA DO POÉTICO

O cacto e as ruínas, de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Duas Cidades, 1997, 127 pp.

Antonio Carlos Secchin

O *cacto e as ruínas*, de Davi Arrigucci Jr., é o volume que abre a coleção Mundo Enigma, da Livraria Duas Cidades, em atraente e sóbria apresentação gráfica. Arrigucci, conforme já demonstrara em livro anterior (*Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990), vem especializando-se numa espécie de microscopia do poético, por meio de leituras extensas e densas de um pequeno número de poemas. No caso presente, "O cacto", de Manuel Bandeira, e "As ruínas de Selinunte", de Murilo Mendes. O mais notável, em Arrigucci, é a acuidade para a percepção das mínimas sutilezas de composição do texto sem ficar a elas adstrito; ao contrário, move o crítico um vigoroso impulso centrífugo, que, a partir da aferição das engrenagens retóricas do poema, logra inseri-las em outros patamares de significação, encontrem-se eles nas diversas obras do poeta ou ainda na fermentação cultural e ideológica em que as próprias obras se originaram. Efetiva prática de uma paixão medida, a leitura de Arrigucci em momento algum cede à tentação do exibicionismo erudito ou à facilidade redutora da paráfrase. Acrescem-se a isto a elegância e a clareza expositivas, de todo alheias ao bombástico e ao entrincheiramento na defesa de "verdades" apriorísticas na concepção do poético.

O primeiro ensaio, "A beleza humilde e áspera", reavalia a produção de Bandeira buscando "a necessária integração do ponto de vista estético ao histórico". A fusão do drama natural ao drama humano, simbolizado na resistência e morte de um cacto gigantesco em meio ao espaço urbano, convoca um arsenal de sofisticadas alusões ao universo das artes plásticas, da literatura e da própria história do país, conforme demonstra o ensaísta nas mais de cinquenta páginas que dedicou ao poema "O cacto". Segundo declara o próprio Arrigucci, "convém ir devagar, tateando o todo e as partes". A paciência das demonstrações pressupõe, é claro, leitores potencialmente aptos a compartilhá-la, confraria não muito numerosa assentada em torno do júbilo do detalhe. O crítico não se esquia dos juízos de valor, não escamoteia o impacto de "poderosas emoções", e acaba por conquistar a cumplicidade do leitor na fruição de uma experiência prazerosa que vai, pelo vigoroso desdobramento analítico, sendo pouco a pouco multiplicada.

"Arquitetura da memória", o segundo ensaio, inicia-se com uma excelente síntese do percurso poético de Murilo Mendes, concentrando-se a seguir no papel que *Siciliana* (1954-55) desempenha no conjunto, para, finalmente, flagrar o poema "As ruínas de Selinunte" como realização exemplar de constantes estruturais do modo muriliano de trabalhar a propensão ao múltiplo e aos opostos que lhe modula medularmente a obra. Arrigucci combate alguns clichês cristalizados em torno do surrealismo em geral, e da prática surrealista de Murilo em particular, a exemplo da suposta desatenção aos rigores construtivos em prol de uma liberação de

conteúdos "puros" do inconsciente. A demonstração do entroncamento entre religiosidade e erotismo constitui outro ponto alto do estudo, bem como a análise da tensa convivência das dicções pura e mesclada no primeiro Murilo. Ressalte-se ainda que Arrigucci contorna a tentação de alçar o veio coloquial à condição de fator *necessariamente* positivo na formulação do verso moderno. Ainda está por ser estudada a contribuição do discurso classicizante à poesia brasileira da primeira metade do século, a partir da configuração de tal discurso nas obras, entre outras, de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Jorge de Lima e Manuel Bandeira. A apressada sinonímia estabelecida entre descolocualização vocabular e reacionarismo estético acabou por banir do território poético todas as categorias que não se ajustassem ao receituário da "antigramática", a rigor tão normativa e intolerante quanto os preceitos anteriores que ela buscou fulminar. Preciosa, neste aspecto, é a crítica que Arrigucci desenvolve ao afã "modernizador" que teria instado Murilo Mendes a aderir a tiques vanguardistas em *Convergência* (1970), obra que, sendo menos muri-

liana do que cabralina e concretista, nada acrescenta a Cabral, e muito subtrai a Murilo.

Detectando com extrema pertinência a tensão isomórfica dos textos analisados, a qualidade do trabalho de Arrigucci se patenteia, sobretudo, na aparentemente inesgotável capacidade de extrair, ou melhor, de doar sentido àquilo que investiga. Sentido que não existe *a priori* na letra da obra, mas que passa a vigorar, dialeticamente, conjuminado à palavra que o declara. Nessa acepção, o analista se torna efetivamente o co-autor do texto criticado: a obra tem seu efeito potencializado pela mediação da voz de seu intérprete.

Enriquecer nossa compreensão de Manuel Bandeira e de Murilo Mendes já não seria pouco. O compromisso crítico de Arrigucci, no entanto, pretende ir além, não só alargando o debate em torno desses poetas, mas também desvelando na poesia a dimensão que lhe conferiu Paul Valéry: a de uma festa para a inteligência.

Antonio Carlos Secchin é professor de literatura brasileira da Faculdade de Letras da UFRJ.